

Mulheres operárias: experiência que deu certo em Joinville/SC (1970)ELENI LECHINSKI¹

Sem pretensão de evidenciar a ideia do “Milagre Econômico”, crescimento econômico ocorrido no Brasil na década de 1970, porém pretende-se dissertar algumas linhas sobre a industrialização brasileira, a fim de melhor sintonizar esta problemática, que apresenta como objetivo principal discutir e refletir a inserção da mão de obra feminina na indústria (metalurgia e fundição) em Joinville, a partir da década de 1970. Para tal discussão, usar-se-á às informações registradas pelos jornais impressos da cidade durante a década de 1970, bem como os periódicos empresariais, que registram o pioneirismo na contratação de mulheres, para as atividades ligadas às linhas de produção da economia industrial desse município.

A partir dos dados fornecidos pelo IBGE (1970-Instituto Brasileiro Geográfico Estatístico)², identifica-se que a década de 1970 é marcada no Brasil como a era de grandes transformações sociais e econômicas, pois empresas multinacionais de grande porte se instalam no país e por consequência dessa realidade a demanda da mão de obra é um dos fatores que impulsionou a presença das mulheres na linha de produção industrial, que atendiam as mais variadas necessidades de consumo nacional e internacional.

Movidas pela “onda da industrialização” algumas cidades do Brasil passaram a sediar inúmeras indústrias estrangeiras. Na região de Minas Gerais a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e a Inauguração da FIAT Automóveis (1976) nas proximidades de Belo Horizonte/MG, acredita-se que foi um dos grandes impulsos para economia industrial no país. Sendo assim, do Centro Oeste ao Sul do país o Brasil foi engendrando relações cada vez mais estreitas com o capitalismo industrial.

Caio Prado Junior (2004) em a *História Econômica do Brasil*, nos impulsiona a leitura de um país que vai redesenhando sua história econômica nas bases de uma

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina/ UDESC no qual desenvolve o projeto “O Tempo, o espaço e a mulher operária na indústria Joinvilense (1960 – 1990): Uma questão de Gênero” sob orientação da professora Dra. Luciana Rossato. Email: eleni_lechinski@yahoo.com.br - (47) 99132311.

¹ <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria>

economia industrial estrangeira. A sociedade brasileira assiste a luz da sua política o nascimento dos blocos monopolistas internacionais, legitimados e dolarizados aos olhos daqueles, principalmente que precisavam de trabalho. Logo então, homens e mulheres trabalhadores do sistema fabril seriam incluídos na fatia da necessidade de mão de obra. Vale lembrar, que a mão de obra é de baixo custo, para esses empresários, que emergiam no Brasil, principalmente até meados da década de 1980. O grande índice de analfabetismo³ era gritante no país e isso deixava a população a mercê de qualquer oferta de trabalho.

E aqui entra em cena o caso brasileiro. O nosso país não ficaria à margem da tremenda ofensiva, pelo mundo afora, do capitalismo internacional mobilizado pelos grupos financeiros e monopólios, e que encontraria aqui larga e generosa acolhida graças à orientação política entre nós adotada, [...] a presença daquele Terceiro Mundo de abundante disponibilidade de mão-de-obra de baixo custo e sem as impertinentes exigências – ou liberdade de exprimi-las – que tornavam tão incômodas e onerosas às relações de trabalho no mundo do capitalismo desenvolvido, (JUNIOR, 2004, pp. 347-348).

Ou seja, pelas questões (início da década de 1970 até meados da década de 1980) geopolíticas e geosociais, o Brasil é um campo fértil de matéria-prima e de mão de obra de baixo custo. Esse terreno de oportunidades fáceis aos empreendedores estrangeiros criou no país uma dependência de bens de consumo até mesmo daqueles considerados hoje (2013) de necessidades básicas, (remédios, vestuários, alimentos, etc). É em busca dessas necessidades, que as mulheres rompem as divisas domésticas ou rurais e marcam sua presença nos espaços de produção industrial.

[...] o significativo aumento das atividades das mulheres, uma das mais importantes transformações ocorridas no país desde os anos 1970, teria resultado não apenas das necessidades econômica e das oportunidades oferecidas pelo mercado, em conjuntura específica, mas também, em grande parte, das transformações demográficas, culturais e sociais que vem ocorrendo no país e que têm afetado as mulheres e as famílias brasileiras. (BRUSCHINI e LOMBARDI, 2003, p. 328).

³ Os Censos de 1960 e 2000 revelam um sucessivo agravamento dessa desigualdade entre as Unidades da Federação no que concerne ao analfabetismo e confirmam e aprofundam o caráter regional dessa desigualdade, em desfavor, primeiro, do Nordeste e, a seguir, do Norte, e em favor do *continuum* Sudeste-Sul (RJ, SP, PR, SC e RS), mais o Distrito Federal. Isto tudo mostra com clareza o caráter histórico da desigualdade no Brasil em termos de analfabetismo. É um cenário desse que proporciona positivamente a mão de obra barata em qualquer país que sobre influencia do capital estrangeiro.

As necessidades de mão de obra e as próprias especificidades da economia brasileira nessa corrida pela industrialização nacional foi um desafio para os empreendedores industriais. Acredita-se que o grupo empresarial independente das ideologias culturais passou a flexibilizar alguns princípios de “normas” ou de “disciplinas” impostas aos trabalhadores, inclusive a aceitação das mulheres como colaboradoras remuneradas desses espaços de trabalho fabril, que começava a germinar com intensidade a partir da década de 1970 no Brasil. A burguesia brasileira não se opôs a esse modelo de industrialização, pois acreditamos que de certa forma impulsionou a modernização das indústrias nacionais também.

Elas e as máquinas nas atividades de bens de consumo em Joinville/SC (1974)

Estou em minha cabana com meus olhos fechados e ouço um ruído que vem de longe... Nos fundos de minha morada há uma pequena estrada, mais conhecida como carreiro ou picada e é desse lado que o som está vindo. Esses ruídos não são dos animais, que vivem nessas redondezas. Mas então o que será? Ô mãe o que é isso? Calma filha são as máquinas chegando. Como assim máquinas chegando? Filha vai chegar máquinas, para as pessoas trabalharem nelas. Aquele homem carrancudo que outro dia passou por aqui, disse que logo, logo eu e você vamos conhecer e trabalhar nessas máquinas, que estão a fazer ruídos. Disse ainda, que essas máquinas deixam as pessoas felizes. Por que isso mãe? Esse palavreado todo é para nos convencer e lógico, porque precisam das mulheres, já que os homens não dão conta de dominar essas máquinas sozinhos. Mas lá não é só para homens? Era filha, mas essas máquinas obrigaram os homens a nos chamarem, para somar forças e dominar melhor as máquinas barulhentas. Vai dar tudo certo. Só precisamos trabalhar e fazer aquilo de que eles determinarem e pronto. Então tá mãe. O bom de tudo isso é que vamos poder sair da cabana não mais só para a plantação, pesca e caça e sim para outro lugar que vai nos levar bem longincho das divisas da nossa morada. Isso mesmo filha, porém seremos lembradas por eles de que somos mulheres. Só temos que trabalhar o resto sobre nossa condição social se esquecermos, fica tranquila que eles nos lembrarão. (LECHINSKI, 2013).

Joinville é uma cidade localizada a nordeste do estado de Santa Catarina e segundo informações do último censo (IBGE, 2010) conta, atualmente, com uma população de aproximadamente 500 mil habitantes.⁴ Entretanto, foi no decorrer das

⁴ A população total do Município de Joinville/SC, estimada pelo IBGE (2010).

décadas de 1960 e 1990, que a cidade vivenciou seu maior desenvolvimento econômico e populacional. Boa parte da fisionomia⁵ da atual cidade foi moldada durante essas décadas. Indústrias, comércio, trânsito e serviços públicos essenciais revelam que ela, assim como outras cidades do Brasil foi influenciada pelo ritmo de crescimento industrial que lhe foi imposto.⁶ Homens e mulheres passam a compartilhar o novo cenário de uma cidade, que passa a redesenhar novas práticas sociais, principalmente no campo da produção de bens consumo do capitalismo, pois nesse momento (meados do século XX) de ascensão econômica a indústria se torna a veia mestra da economia desse município.

Até início da década de 1970 a mão de obra feminina era mais destinada às indústrias têxteis (tecelagem, fiação, malharias e confecções), plásticas, de refrigeradores e química, (IMHOF, 1977. p, 210). No início do século XXI, a participação das mulheres nesses seguimentos econômicos ainda predomina em relação aos homens na cidade de Joinville.

O trabalho industrial era destinado aos homens, porém em 1974, Joinville assiste à entrada das mulheres como operárias numa das maiores indústrias desse município.

Há dois anos, a Fundação Tupy fez a primeira experiência com um grupo de cinquenta mulheres. A empresa fez amplo estudo e chegou à conclusão de que havia muitos preconceitos, principalmente por ser este um tipo de experiência pioneira, e porque a maioria da população não tinha ainda uma mentalidade aberta para assimilar a presença das mulheres na fábrica junto aos homens (A Notícia 1976, 6 de maio, p. 9).

Nesse mesmo jornal e na mesma data encontramos outra matéria, que relata a experiência feita pela Fundação Tupy: “a experiência com as primeiras 50 mulheres

⁵ “Genericamente falando, a fisionomia benjaminiana. É uma espécie de “especulação” das imagens, no sentido etimológico da palavra: um exame minucioso de imagens prenes de história.” (BOLLE, 2000, p. 42).

⁶ Em termos populacionais as taxas anuais de crescimento desse período variaram em torno de 7% ao ano, Enquanto a média nacional era de 3,7% a.a.. Entre 1961 e 1972 a população salta de 70.687 para 126.559 Habitantes. A década de 1970 apresentou assustadores 115% de crescimento populacional. Ao final da década de 1980 a população de Joinville já era de cerca de 387.000 habitantes. Esse aumento ocorre Habitantes. A década de 1970 apresentou assustadores 115% de crescimento populacional. Ao final da década de 1980 a população de Joinville já era de cerca de 387.000 habitantes. Esse aumento ocorre concomitantemente com o estabelecimento de várias indústrias, com maior destaque para as do ramo metal-mecânico e plástico.

demonstrou resultados altamente positivos, modificando, inclusive, os padrões de rendimento estabelecidos pela empresa, com base no trabalho masculino” (...).

Acreditamos que de início a inserção das mulheres na indústria não estava diretamente ligada à necessidade de mão de obra masculina em Joinville ou até mesmo na microrregião (municípios vizinhos), mas sim pelos níveis salariais inferiores aos dos homens, razão esta talvez interessante ao empresariado joinvilense, que enfrentava custos elevados na implantação da indústria tecnologicamente “moderna”. Hoje (2013) homens e mulheres iniciantes na linha de produção estão enquadrados no mesmo nível salarial.⁷

Em 1975 (*PLANISUL*)⁸, pesquisas mostravam que no período de 1960 a 1975 o emprego industrial em Joinville cresceu 8% enquanto a população urbana no Brasil cresceu 7,3% e no município 6%. Como se pode deduzir, havia um índice de crescimento populacional em relação às reais necessidades de emprego, (IMHOF, 1977, p. 212).

Diante da necessidade de mão de obra nesse crescente período da industrialização em Joinville a classe empresarial encontra na força de trabalho feminino uma solução positiva. A exemplo do que já relatamos, sobre a experiência com o trabalho das mulheres na fábrica era também um serviço de baixo custo, para os empregadores, já que havia disparidade salarial entre as mulheres e os homens trabalhadores da fábrica.

Entendemos nessa pesquisa que as mulheres ofereciam um serviço mais positivo (aproveitamento de tempo e responsabilidades no interior da fábrica) e o seu custo de mão de obra era mais barato comparado aos homens.

Muitas dessas mulheres operárias em Joinville vieram para este município entre o período de 1960 a 1980. Acredita-se que o grande número de pessoas que migraram para esse município deve-se à crise sofrida na economia rural dessa época. Homens e mulheres vieram em busca de trabalho.

⁷ Fonte - O Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos na Indústria do Material elétrico de Joinville foi fundado em 17 de Novembro de 1931. Seu reconhecimento junto ao Ministério do Trabalho aconteceu em 1942. <http://www.metalurgicosjoinville.com.br>

⁸ PLANISUL. Projeto de implantação do Distrito Industrial, v. II. Joinville. Prefeitura Municipal de Joinville, 1975.

O historiador Afonso Imhof (1976) aponta que um dos possíveis motivos pelos quais se facilitou a entrada das mulheres no trabalho industrial nessa cidade é a questão financeira dessas famílias, que tinha o homem como provedor e o mesmo não supria os custos básicos da casa. Sendo este o motivo pelo qual os esposos aceitaram sem rumores de que suas esposas fossem trabalhar em busca de complementação do orçamento doméstico.

Ou seja, as necessidades na economia doméstica levam a crer que esses casais nesse momento não podiam ficar presos em tabus que impedissem a saída das mulheres das divisas do lar, (IMHOF, 1977). Vale chamar a atenção de que os primeiros grupos de mulheres operárias eram solteiras. As casadas chegam à fábrica na mesma década (1970), porém alguns anos mais tarde.

Com índices salariais mais baixos, submetidas a uma extensa jornada diária de trabalho, a uma condição de controle, vigilância e disciplina constantes, sendo cerceados seus passos, suas ações e sua sexualidade. Mesmo no entorno desse aparato de vigilância no interior da fábrica, o que se espera dessa trabalhadora é produção.

No presente momento (início do século XXI) as realidades das produções de bens de consumo do capital não permitem mais deixar as mulheres como meras expectadoras. Embora a mão de obra feminina nos seguimentos industriais ainda deixa a visibilidade social aquém do desejo de reconhecimento que todo o trabalhador espera.

Em 1971 o Vaticano, aprova a constituição de comissão, que tinha por encargo “estudar as iniciativas oportunas, para assegurar a colaboração das mulheres nos diversos setores da economia dos Estados”. Além dos cuidados com a família essa comissão defendia a participação das mulheres nas atividades profissionais, defendendo assim, a solução de mão de obra e sucesso econômico, para as sociedades nacionais e internacionais (A NOTÍCIA, 1976, p.4).

Acreditamos que o consentimento das lideranças religiosas para a inserção do trabalho feminino nas fábricas foi importante, pois sabemos que os padrões morais definidos pelas relações de poder, não viam com bons olhos as mulheres fora das divisas domésticas. Essas barreiras impostas pelas condições sociais vão perdendo sua visibilidade e força na medida em que as mulheres vão se fazendo presente cada vez

mais, nos espaços de trabalho, principalmente do trabalho industrial (REZENDE, 1976, p. 4)

Portanto, diante desses dados (peneirados pelo IBGE), desde 1970 sobre a presença das mulheres nas atividades de produção de bens de consumo, percebe-se que, na proporção em que a industrialização avançava no Brasil, a mão de obra feminina também acompanhava esse percurso e assim, cada cidade do Brasil, nesse contexto de industrialização foi determinando conforme necessidades a geografia da empregabilidade do ramo industrial.

Em 1976 as mulheres já se faziam presente nas atividades da fábrica, porém às publicações dos periódicos continuavam apresentando matérias que não contemplavam a realidade dessas trabalhadoras enquanto sujeitos ativamente presente nesses processos de trabalho remunerado. O periódico mantinha em suas publicações informações e imagens que pensavam as mulheres dentro dos limites domésticos e dos valores biológicos. “A mulher jeitosa sabe transformar pequeninas coisas em economias valiosas. Ao arranjo do lar não afeta somente a limpeza e a higiene”. (*Correio Tupy*, 1976, p. 5).

O periódico *Correio Tupy* possibilita refletir sobre o que se pensava e o que se definia como modelo para as mulheres, operárias em Joinville, que, a partir do início da década de 1970, começam a ganhar espaço no interior da fábrica.

Para além da leitura apresentada dos periódicos, nos quais aparece o papel social destinado às mulheres nos apropriamos da essência de sua discussão ao tratarmos das representações em que residem desejos, ideais pensados para as mulheres que, mesmo estando no presente numa posição de trabalhadoras remuneradas, têm em forma de mensagem/notícias um chamado para o seu “verdadeiro” ofício, ligados principalmente aos conceitos biológicos da procriação (maternidade, cuidados com os filhos e marido), além das obrigações domésticas.

A mulher é o esteio da vida doméstica. Se a manutenção da família, via de regras recai sobre o homem, é inegável o papel importantíssimo à mulher na condição da vida doméstica. Seja como educadora, seja como companheira do esposo, ela é o sol que deve iluminar o lar. De sua cooperação depende grandemente o trabalho e o rendimento do marido. Daí

é de todo necessário que a mulher seja preparada para as suas responsáveis funções. Uma dessas funções é a aplicação consciente e cuidadosa das finanças que lhe são confiadas. A mulher jeitosa sabe transformar pequeninas coisas em economias valiosas. Ao arranjo do lar não afeta somente a limpeza, a higiene. Também a criação de ambiente agradável faz parte disso, como igualmente pode cooperar na roupinha das crianças e dela mesma. Parte do programa assistencial à família, que se desenrola em dependência da Escola Técnica Tupy⁹, são cursos de ciências domésticas oferecidas. Esses cursos visam desabrochar as qualidades femininas e aprimorá-las, através de pinturas em tecidos, são: Crochê, Tricô, Bordado, Corte-e-costura e primeiros socorros. Aprendendo essas artes, a mulher ensinara a paz e a tranquilidade no lar, além de enriquecer-se espiritualmente. Aprendendo, ela possui. Possuindo ela pode fazer feliz os seus. Está, pois, aberta a possibilidade desses cursos a todas as colaboradoras da Tupy, bastando para tanto dirigirem-se à Escola Técnica Tupy ou às Reverendas Madres Canossianas, onde obterão todas as informações adicionais. Existe coisa melhor do que uma casa bem ajeitada, onde reina a harmonia e a paz? As fotos que estampamos nesta página (Correio Tupy, 1976, pág. 05) referem-se a parte da exposição dos trabalhos realizados no 2º semestre do ano passado. As moças que aparecem focalizadas trabalham na Tupy. (CORREIO TUPY, 1976, pág. 05).

Quanto à problemática da subjetividade presente nos discursos ou nas imagens, Michel Foucault (1996), mostra o quanto essa temática é profícua a esse campo de investigação. Acredita-se que, a partir da análise discursiva, é possível compreender os exercícios do poder, que se estabelecem entre os sujeitos, uma vez que os discursos corroboram para a produção da subjetividade acerca dos interesses que se pretende defender nos espaços ocupados por mulheres e homens.

Acreditamos que, independente da especificidade jornalística, as narrativas, são reflexos culturais, podendo ser coletivo ou ainda individual. Isto é, as representações que os vários grupos sociais fazem de determinados eventos e personagens, sendo esses colocados em seus devidos lugares. Mitos e ideais que nem sempre coincide com as práticas sociais do presente.

⁹ Há mais de meio século, em 1959, Hans Dieter Schmidt, na época presidente da Fundação Tupy, fundou em Joinville a Escola Técnica Tupy-ETT. A inspiração para a criação da ETT veio do modelo da indústria Suíça George Fischer, reconhecida na Europa pela excelência por causa de uma escola técnica. Posteriormente, foi criada a sua mantenedora a Sociedade Educacional Tupy-SET. A ETT foi fundada para formar cidadãos comprometidos com a comunidade e profissionais competentes para impulsionar Joinville no mercado nacional e internacional, a partir do referencial europeu, com tradição e seriedade na educação. Os cursos técnicos pioneiros foram: Máquinas e Motores, transformados em Mecânica, Metalurgia, pioneiro no país e até final da década de 1970 oferecia-se curso técnico de ciências domésticas para as mulheres/esposas dos operários da Tupy.

Nesse caminhar investigativo percebemos que os indicativos presentes nos periódicos nos possibilitam tecer uma escrita sobre a presença das mulheres na indústria em Joinville, bem como em que contexto histórico aconteceu a sua inserção no trabalho industrial desse município e as marcas culturais refletidas nos periódicos empresariais no presente.

O presente trabalho delimitou como recorte temporal inicial à década de 1970¹⁰, pois foi desse período que Joinville agrega o maior contingente de mulheres nas atividades ligadas às linhas de produção. Mulheres que passaram dividir com os homens o espaço de trabalho na fábrica, espaço esse até então destinados aos homens. A delimitação temporal deve-se ao fato da análise da inserção das mulheres no trabalho industrial, na cidade de Joinville.

A presença feminina nas indústrias em Joinville está, desde o início relacionada à necessidade de mão de obra operária, na cidade. Segundo informações dos impressos (A NOTICIA, 1976) a mulher foi considerada uma trabalhadora, dotada de maior sensibilidade, com permanência em cargos fixos. As operárias desse município “ganharam destaque há alguns anos, quando se constatou que seu grau de produtividade equivalia ao das comenetradas japonesas e era superior ao das alemãs” (ROCHA, 1990, p. 34). Portanto, este trabalho apresenta uma escrita que possibilita refletir e interpretar a inserção da mão de obra feminina na indústria em Joinville, bem como os processos objetivos e subjetivos na construção dos discursos e das imagens acerca das mulheres operárias noticiadas nos periódicos empresariais desse município, nos períodos já mencionados. Para tal, usar-se-á constantemente o teor das informações presentes nos periodicos em análise, com o objetivo de melhor elucidar os papéis sociais no interior da fábrica, bem como trazer a discussão para o presente, sobre os modelos de sujeito, ainda pensados para as mulheres operárias em Joinville.

¹⁰ Em 1970, havia em Joinville, 42.937 migrantes, oriundos principalmente de vários municípios de Santa Catarina. Em 1980, 113.091 migrantes, dos quais, 57.640 procedentes da área rural, entre os quais, 13.509 oriundos do Paraná. Em 1991, o total de migrantes era de 166.607. Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo demográfico de Santa Catarina, 1970, 1980, 1991, respectivamente. Mulheres vieram em companhia de seus familiares e também foram ocupando os postos de trabalho, principalmente ligados às linhas de produção.

Tania Regina de Luca¹¹, Acredita que os impressos fornece ao historiador um campo de investigação importante no processo de análise dos enredos presentes nesses impressos ou periódicos.

Dados acerca das formas de associação e composição do operariado, correntes ideológicas e cisões internas, greves, mobilizações e conflitos, condições de vida e trabalho, repressão e relacionamento com empregadores e poderes estabelecidos, intercâmbios entre lideranças nacionais e internacionais, enfim, respostas para as mais diversas questões acerca dos segmentos militantes puderam ser encontradas nas páginas de jornal, panfletos e revistas, que se constituíam em instrumento essencial de politização e arregimentação (LUCA, 2005, p.119).

O julgamento de que periódicos ou impressos não eram fontes historiográficas confiáveis para as pesquisas científicas, a partir das últimas décadas do século XX esse conceito vai perdendo forças. Diversos campos historiográficos começaram estabelecer diálogo com impressos como fontes de pesquisa. Fonte essa que, pelo menos até início da década de 1970, não tinham diante dos pesquisadores muita credibilidade nas informações divulgadas. Julgava-se que esses documentos traziam em seu bojo ideologias carregadas de interesses políticos, principalmente. Salienta ainda que, em relação ao processo de expansão do campo temático do historiador, os impressos foram se fazendo presentes e cada vez mais ganhando credibilidade.

A entrada das mulheres no trabalho industrial em Joinville (a partir da década de 1970) não aboliu a condição feminina, pois a mesma refletia no interior das fábricas. O princípio de uma cultura estruturada pelos valores patriarcais, em que o poder masculino era quase total, frente ao comando das atividades produtivas da fábrica, colocava às mulheres na maioria das vezes em situações de submissão. Ou seja, as mulheres operárias, mesmo longe das divisas do lar, permaneciam sob o comando masculino e tendo suas atividades de trabalho supervisionadas e comandadas pelas ordens dos mesmos.

Os cargos de chefia eram essencialmente ocupados por homens. Essa liderança masculina ainda é uma característica bastante presente nessa primeira década do século

¹¹ LUCA, Tania Regina de. “Fontes impressas: História dos , nos e por meio dos periódicos.” In: “Fontes Históricas”. Org. Carla Bassanegi Pinsky. São Paulo: Contexto. 2005. p.111-153.

XXI. A estrutura patriarcal legitimada e ordenada pelos códigos externos da sociedade, bem como pelas normas disciplinares das empresas, não se restringia ou se restringe somente ao interior dos lares. De uma forma ou de outra ela também perpassava outras instituições, dentre elas a fábrica. Se constituindo como um espaço elaborado pelo pensamento e pela ação masculina, a fábrica se relaciona com as mulheres trabalhadoras, sob esse olhar é que podemos encontrar sentido e entender por que algumas fábricas do século XX e XXI fizeram a opção por mulheres sozinhas, para compor o quadro de mão de obra. No caso das operárias solteiras, confiná-las dentro da fábrica a disciplina sobre elas era maior e mais rigorosa do que a exercida sobre as trabalhadoras casadas e aos homens.

[...] estes discursos que provocaram "uma divisão sexual da mão-de-obra no mercado de trabalho, classificando e reunindo as mulheres em certas atividades, colocando as sempre abaixo na hierarquia profissional, e estabelecendo salários a níveis insuficientes para sua subsistência". Longe de ser o reflexo ou a representação das evoluções econômicas, a noção de divisão "natural" das tarefas segundo os sexos deve então, ser considerada como um fator do desenvolvimento industrial, como uma justificação, em nome de uma definição ideal das tarefas próprias às mulheres, da condição inferior que lhes é atribuída no mercado de trabalho manufatureiro. (As lições de tal exemplo valem por todas as análises que, sem sucumbir às tentações calcadas dos interesses sociais exteriores ao discurso), entendem ligar construção discursiva do social e construção social do discurso, (PERROT, 1991, pp. 419-444).

Mesmo nessa visão da divisão sexual da mão de obra no mercado de trabalho industrial, a espoliação das mulheres na fábrica cresceu paulatinamente até os dias atuais. Ainda nessa ordem acredita-se, que a manipulação de um contingente feminino não se restringia unicamente a pagar menos, mas também aos processos de submissão e dominação advindas dos papéis culturalmente sociais determinados milenarmente pelos olhares masculinos.

Em Joinville durante a década de 1970, as indústrias pioneiras no uso do trabalho feminino, principalmente a *Indústria de Fundação Tupy*, revelaram-se na época otimistas pela contratação da mão de obra feminina. As empresas destacaram satisfação quanto aos aspectos de produção, disciplina e assiduidade. São esses aspectos, além da

discriminação salarial que possivelmente contribuiu para a inserção das mulheres com sucesso empresarial na economia industrial nesse município (IMHOF, 1977).

A falta de instrução da maioria das mulheres que estavam ingressando no trabalho industrial em Joinville nessas primeiras décadas do século XX levou essas trabalhadoras ao exercício de atividades repetitivas que exige atenção e coordenação motora. Sendo assim, as atividades de lideranças e consideradas complexas eram de responsabilidade dos homens.

A mulher é na indústria aquele operário designado como sem qualificação, o que executa operações simples e repetidas que exigem apenas atenção e coordenação motora. Seu treinamento pede destreza em poucas operações e explicações tecnológicas elementares (...) e que as pesquisas nos mostram mais preocupação com o salário que com a natureza do seu trabalho (BOSI, 1972, p. 86 – 87).

Como já comentado anteriormente essa questão salarial nas linhas de produção pelo menos na cidade de Joinville não há diferença nos dias atuais entre o operariado, porém é certo de que nessa primeira década do século XXI encontramos poucas mulheres no ramo industrial em cargos de lideranças ou em atividades consideradas de maior responsabilidade ou ainda aquelas classificadas de serem mais complexas. Ou seja, a maioria das operárias continuam nas atividades da linha de produção no interior da fábrica e é nesse setor que não há desigualdade salarial entre os operários¹². Todos os iniciantes são atendidos pelo teto salarial determinado pelos sindicatos das devidas categorias da indústria.

Algumas considerações

A inserção das mulheres na indústria em Joinville contribuiu no cenário de novas práticas sociais de racionalidades culturais e, por conseguinte, uma nova ordem

¹² http://www.vivabemaqui.com.br/convencoes/Convencao_Coletiva_Joinville_2011-2012_assinada.pdf

com novas regras do jogo, bem como novas disciplinas nos espaços de trabalho das indústrias.

Narrativas mediadas por situações históricas entre os sujeitos da fábrica, são constantemente afetadas pelas regras do poder patriarcal, estabelecido no cotidiano de atividade industrial. A divisão social e técnica do trabalho são acompanhadas de uma hierarquia clara do ponto de vista das relações sexuadas de poder. A expressão do desejo e do poder no cotidiano das indústrias são notícias constantes dos periódicos que circulam livremente entre os sujeitos trabalhadores da fábrica. As narrativas visuais situam os homens no campo produtivo/provedor, já as mulheres no campo reprodutivo e demais valores ligados aos ofícios domésticos.

O novo cenário da indústria em Joinville, a partir da presença das mulheres, juntamente com outras instituições sociais, produziu na cidade racionalidades culturais próprias de uma ordem econômica baseada em princípios da sociedade industrial, que acreditamos nas ideias conformistas sobre os sujeitos e de acordo com os seus interesses sociais, políticos e econômicos. Michele Perrot (1988). É bastante relevante refletir sobre os espaços de trabalho ocupados por mulheres e homens, porém percebemos que continuam as evidências e observações quanto aos papéis sociais, que coloca cada sexo em seu lugar, com suas devidas funções, suas tarefas, seus espaços designados, conforme os ditames das relações de poder dos grupos.

Portanto, entre as várias debruçadas, sobre os periódicos empresariais e outros impressos jornalísticos da cidade, publicados durante a década de 1970, percebemos que a inserção das mulheres no trabalho produtivo das fábricas é representada por esses informativos, dentro de um contexto cultural bastante diversificado e recheado de imagens e narrativas, dessas operárias. Acreditamos que, as mesmas não imprimiram naquele momento qualquer noção sobre a representação dos códigos pensados para o universo feminino.

Diante dessa análise percebemos que, a sociedade do trabalho industrial na cidade de Joinville, continua sob o jugo e os olhares patriarcais. Porém, por mais impactante e conturbado que possa parecer à chegada das mulheres nas atividades ligadas às linhas de produção da cidade, fez surgir novas práticas sociais entre os

sujeitos da fábrica. Esse novo conjunto de relações sociais continuam no presente representado por imagens e narrativas de mulheres operárias do município. Ou seja, os periódicos empresariais fazem bom uso das representações femininas nas tramas das suas notícias, que circulam na atualidade dentro das empresas joinvilenses.

Referências

- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**. 2.ed.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de Massas e Cultura Popular: Leituras Operárias**. Petrópolis, Vozes, 1972.
- BRUSCHINNI, C.; LOMBARDI, M. (2003): **Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro**: São Paulo: Paz e Terra. 1988.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Loyola, 1996.
- IMHOF, Afonso. **A mulher operária em Joinville: situação, preconceito e discriminação**. Revista de História, São Paulo, v, LVI, n, 111, jan./set. 1977.
- LUCA, Tania Regina de. **“Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos.”** In: “Fontes Históricas”. Org. Carla Bassanegi Pinsky. São Paulo: Contexto. 2005. p.111-153.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PLANISUL. **Projeto de implantação do Distrito Industrial**, v. II. Joinville. Prefeitura Municipal de Joinville, 1975.
- ROCHA, Isa de Oliveira. **Industrialização de Joinville/SC: da gênese às exportações**. – Florianópolis. 1997.

IBGE: <http://www.ibge.com.br/cidadesat/default.php> - (07.01.2013).

FONTES PERIÓDICAS

- A participação da mulher na força de trabalho. *A Notícia*. Joinville, nov. 1976.
- Elas estão de uniforme novo. *Correio Tupy*. 1968, p. 12.
- Elemento feminino na área industrial. *Correio Tupy*. Joinville. 1974, p.12.
- Na produção de peças Tupy, elas participam ativamente. *Correio Tupy*. 1974, p. 05.
- A mulher é o esteio da vida doméstica *Correio Tupy*, 1976.